

## ANATUREZA DA RETÓRICA - 2ª parte

Profa. Me. Elisa Costa Brandão de Carvalho (UERJ)

### RESUMO:

Tendo como base o 2º capítulo da obra intitulada *The Art of Persuasion in Greece* de autoria do grande estudioso da retórica e da literatura clássicas, George Kennedy, este artigo tem por finalidade dar continuidade ao artigo “A Natureza da Retórica” publicado na edição nº XVI da revista *Principia*. Nesta 2ª parte abordaremos o desenvolvimento da *Retórica* de Aristóteles até a *Retórica a Alexandre*.

**PALAVRAS-CHAVE:** retórica, filosofia, persuasão

### O Desenvolvimento da *Retórica* de Aristóteles

Mesmo em uma primeira leitura da *Retórica* de Aristóteles notam-se inconsistências na ordenação dos assuntos e repetições. Para explicá-las os eruditos modernos têm elaborado teorias acerca da ordem em que foram escritos os diferentes livros da *Retórica*. Nesta questão Kennedy aceita as teorias de Friedrich Solmsen, que é substancialmente um desenvolvimento das teorias de A. Kantelhardt e de Werner Jaeger.

Segundo esta teoria há uma certa evolução nas teorias de Aristóteles sobre a retórica. Em um diálogo juvenil, intitulado *Gryllus*, Aristóteles defende as teorias de Platão acerca da retórica, desvalorizando-a em sua própria essência. Em seguida o Estagirita escreveu um tratado sobre retórica que se encontra contido no que hoje conhecemos como os livros I e II da *Retórica*. Neste tratado de Aristóteles desenvolve o estudo do entimema.

A *Retórica* é o resultado de três etapas posteriores. Em uma primeira etapa Aristóteles aplica ao estudo da retórica sua teoria acerca da lógica, incluindo aí a caracterização do entimema. Em segundo lugar, seguindo a sugestão de Platão exposta no *Fedro*, ele adiciona à argumentação lógica a psicologia, a fim de obter uma persuasão mais eficaz. Finalmente, em terceiro lugar, aproximando-se mais da teoria retórica antiga, ele estuda o estilo das partes do discurso.

Aristóteles distinguiu ainda três tipos de oratória: a judiciária, a deliberativa e a epidíctica. Esta distinção foi feita em primeiro lugar pelo Estagirita, já que os tratadistas a ele anteriores ocupavam-se apenas com a oratória judiciária. Tal divisão tornou-se posteriormente tradicional, apesar de ser ligeiramente questionada por autores posteriores como Cícero e Quintiliano. Os eruditos modernos questionam, sobretudo os critérios usados pelos filósofos para esta classificação, critérios estes que vão desde o tipo de ouvinte até o conteúdo. Mesmo discursos daquela época não se deixam classificar facilmente em um ou outro dos três tipos.

Aristóteles sobre a INVENTIO

Os dois primeiros livros da *Retórica* são sobre a **inventio**. Logo no início Aristóteles faz uma distinção entre as provas artísticas e não-artísticas. Entre estas últimas enumera aquelas que provêm de evidência direta e não da arte do orador. Tal evidência direta era usada, por exemplo, na oratória primitiva de Homero. No entanto, no século V a. C., o desenvolvimento de uma argumentação racionalista, na qual se inclui o argumento por probabilidade, é um reflexo da eferescência intelectual da qual a sofística faz parte. Usualmente os oradores faziam uso semelhante de ambos os tipos de prova.

Entre as provas artísticas, Aristóteles enumera aquelas encontradas no caráter do orador, na emoção provocada no ouvinte e no discurso propriamente dito. O caráter do orador, mostrado no proêmio, deveria atrair a simpatia do ouvinte, e o mais difícil era manter essa impressão ao longo de todo o discurso. Como era costumeiro nos tribunais atenienses que o próprio querelante fizesse um discurso em sua defesa, muitas vezes eram falados discursos decorados e escritos por outra pessoa. Aquele que escrevia os discursos deveria assumir o caráter de outrem e a sua maneira de falar. Este tipo de habilidade foi especialmente desenvolvido por Lísias.

A segunda prova artística, que consiste na emoção provocada na audiência, já era bastante conhecida dos gregos desde Homero. Dentro do discurso o lugar mais apropriado para provocar uma emoção no ouvinte era precisamente a peroração, quando o orador encerrava o discurso deixando o público em determinado estado anímico a seu favor. Os melhores oradores trabalhavam com as emoções do público ao longo de todo o discurso, não só no final, e isto é uma característica que a oratória tinha em comum com o drama.

O desenvolvimento que Aristóteles dedica à teoria das emoções no livro II da *Retórica* deve-se à importância deste fator na oratória real e às idéias de Platão a respeito já expostas no *Fedro*.

O terceiro tipo de prova é a argumentação racional. Trata-se da prova mais importante e Aristóteles lamenta algumas vezes que esta parte lógica da retórica não tenha sido tratada anteriormente. O mais importante dentro deste tratamento da argumentação é a doutrina do entimema. Este é o silogismo retórico e consiste em um argumento por probabilidade, enquanto o silogismo é um argumento dedutivo científico. Nos discursos reais raramente o entimema é expresso em sua forma completa, o que levou escritores posteriores a definir o entimema como um mero silogismo incompleto. Nos últimos cem anos, porém, a legítima definição aristotélica do entimema foi retomada.

Estes todos são argumentos por dedução. Entre os argumentos por indução Aristóteles enumera o exemplo (*parádeigma*). Note-se que, embora Aristóteles tenha sido o primeiro a tratar o entimema e o exemplo do ponto de vista lógico, eles já eram conhecidos bem antes na prática oratória grega.

Aristóteles emprega alguns termos especiais para designar os materiais

dos quais os entimemas eram feitos, como os “sinais” (*semeia*), que indicam algo de maneira provável, e as “provas” (*tekméria*), que indicam algo necessariamente. Há também os “lugares” (*topoi*), divididos em “particulares” (*ídioti*) e “comuns” (*koinoi*). Os primeiros são próprios a cada domínio do conhecimento, não sendo necessariamente matéria da retórica. No entanto, o orador deve conhecê-los, a fim de poder falar bem de todos os assuntos. Já os segundos são próprios à retórica e podem ser aplicados a todos os assuntos. Segundo o Estagirita os entimemas podem ser divididos ainda em demonstrativos e refutativos e podem ser construídos a partir de vinte e oito lugares genuínos e dez falaciosos. Provavelmente esta concepção dos lugares é um resquício do primitivo ensinamento retórico de Aristóteles.

Note-se ainda que os lugares de Aristóteles não devem ser confundidos com os lugares comuns, as fórmulas baseadas na exemplificação a partir de discursos reais, as quais eram a base do ensinamento sofístico. Os lugares aristotélicos foram depois desenvolvidos por autores como Cícero.

#### O Terceiro Livro da *Retórica* de Aristóteles

O terceiro livro da *Retórica* trata do estilo e das partes do discurso. Algumas inconsistências dentro deste livro levaram Solmsen a aventar a hipótese de que o livro terceiro e a mistura de dois tratados aristotélicos sobre o estilo, ligados cada um a uma versão mais primitiva e a uma mais recente dos dois primeiros livros. Os capítulos 5, 6 e 7 formariam um destes tratados sobre o estilo. Nestes capítulos são discutidas as virtudes do estilo. Quando Aristóteles fala da “pureza” do estilo no capítulo 5 utiliza o termo *helleníxein*, mas na verdade o tema deste capítulo é a “clareza” do estilo, que já tinha sido discutida no capítulo 2. O capítulo 2, aliás, relaciona-se ainda com estes três capítulos por várias repetições. Poder-se-ia objetar que os capítulos 5, 6 e 7 são um aprofundamento dos temas tratados no capítulo 2, mas há diferenças de objetivo, conteúdo e espírito entre os dois tratamentos. A diferença básica é que os capítulos 5, 6 e 7 fazem parte da tradição sofística, enquanto que o capítulo 2 relaciona-se com a *Arte Poética*, obra à qual são feitas inúmeras referências.

Os capítulos 8-12 relacionam-se diretamente com os capítulos 1-4, e a teoria da metáfora exposta nestes últimos deve ser conservada na mente ao longo de toda a leitura. No capítulo 8 Aristóteles fala dos ritmos na prosa e faz referência à preferência de Trásímaco pelo peã. O tratamento dos ritmos na prosa foi bastante amplificado por autores posteriores como Cícero e Quintiliano.

O capítulo 9 trata do período. Como a discussão do período segue aquela sobre o ritmo, é provável que Aristóteles quisesse que ambas fossem encaradas como um conjunto.

Nos capítulos 10 e 11 Aristóteles trata das figuras de linguagem, as quais são todas designadas como metáforas. Embora o tratamento deste tema tenha sido

enormemente amplificado pelos retóricos posteriores, nenhum deles compartilha com Aristóteles a sua visão filosófica da metáfora, segundo a metáfora excita a nossa inteligência ao exigir um esforço de compreensão, produzindo, por conseguinte, prazer. Tal visão é tipicamente aristotélica.

O capítulo 12 trata da variação estilística. O estilo do discurso deve variar segundo o seu gênero e o contexto em que é proferido. Também este tema foi o mais desenvolvido posteriormente.

Nos capítulos 13-18 Aristóteles trata da organização das partes dentro do discurso. Trata-se da parte menos original da *Retórica*, onde Aristóteles mostra sua impaciência com algumas das regras da retórica sofística.

#### A Retórica a Alexandre

Há ainda mais um tratado completo de retórica proveniente do século IV a.C.. Trata-se da *Retórica a Alexandre*, obra falsamente atribuída a Aristóteles. Depois de alguma discussão os eruditos modernos, em sua maioria, atribuem a obra a Anaxímenes de Lâmpsaco, homem que, como Aristóteles, foi instrutor de Alexandre, o Grande.

A importância da *Retórica a Alexandre* reside não em sua influência, mas no fato de que ela representa muito bem a tradição da retórica sofística. Há indícios de que tal obra teria sido influenciada pelo manual de Isócrates. Embora haja grandes diferenças de conteúdo entre a *Retórica a Alexandre* e a *Arte Retórica* de Aristóteles, as duas obras apresentam um paralelismo em sua organização.

O capítulo 1-5 da *Retórica a Alexandre* corresponde aproximadamente ao livro 1 da *Retórica* de Aristóteles. Neles são discutidos os sete tipos de oratória: exortação, dissuasão, eulogia, vituperação, acusação, defesa e investigação.

Com o capítulo 6 da *Retórica a Alexandre* começa uma nova seção, a qual versa sobre as provas comuns a todo tipo de oratória. A partir do capítulo 23 temos uma discussão sobre as figuras de estilo, que se restringem à figuras de Górgias, e a partir do capítulo 29 há a discussão sobre as partes do discurso. Sobre as funções destas partes Anaxímenes afirma que o proêmio deve tornar o ouvinte bem-disposto, atento e afável. Já a narração deve conter como virtudes, a clareza, a brevidade e o poder de persuasão. Anaxímenes aconselha que a prova não deve vir sempre separada da narração. Ao contrário, a narração deve conter já em si elementos da prova, o que de fato ocorre em alguns discursos que chegaram até nós. Já o epílogo deveria conter alguma forma de apelo emocional e uma recapitulação da prova.

Se contemplarmos em seu conjunto toda tradição retórica em seus primeiros cento e cinquenta anos, constatamos que a *Arte Retórica* de Aristóteles se destaca nitidamente de todos os outros tratados. Isto acontece não só por ser o mais rico nem por ter exercido a influência mais duradoura, mas, sobretudo

porque Aristóteles é imparcial em seu tratamento. Ele não procura glorificar a retórica, mas sim mostrá-la como ela é, reconhecendo sua utilidade, mas advertindo contra seus perigos. Ninguém aprenderia a proferir discursos só por ler a *Retórica*, mas um orador bem treinado certamente tiraria muito proveito do livro.

#### BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Elisa Costa Brandão. *A Natureza da Retórica. Principia*, Rio de Janeiro, XIV, P. 35-42, 2008.

DUMONT, Jean-Paul. *A filosofia antiga*. Lisboa, Ed.70, 1981.

KENNEDY, George. *The Art of Persuasion in Greece*. Princeton, Princeton University Press, 1963.

MORA, José F. *Dicionário de filosofia*. Lisboa, Dom Quixote, 1978.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. São Paulo, Difel, 1984.